A REPRESENTATIVIDADE INDÍGENA NO PROJETO DE EXTENSÃO SARAU DE PRETO: UMA EXPERIÊNCIA NO IF BAIANO CAMPUS URUÇUCA

Carlos Alberto Machado Noronha[1]
Gésus de Almeida Trindade[2]
Luisa Magaly Santana Oliveira Reis[3]

RESUMO

O presente relato de experiência visa apresentar e analisar momentos do Projeto de Extensão Sarau de Preto, nos quais a temática indígena e a participação de indígenas se constituíram como objetivo principal das apresentações desse evento artístico-cultural no campus Uruçuca do IF Baiano. Para os três saraus selecionados – um ocorrido no ano de 2019, e os demais no ano de 2020 -, buscou-se detalhar a sua concepção, objetivos e apresentações principais relacionadas à temática indígena, tendo como justificativa a divulgação do protagonismo indígena em determinados momentos da História da Bahia, as suas diversas visões e vivências relacionadas aos seus corpos e problematizações voltadas para os direitos indígenas ao território. Ao se basear em estudos históricos sobre povos indígenas, orientações trazidas pela Lei 11.645/2008 e estudos de Gersen Luciano (2006) e Nilma Lino Gomes (2017) quanto ao conhecimento de saberes ancestrais de matrizes indígenas e africanas para o fortalecimento da identidade dos jovens negros e indígenas e para a promoção de uma educação antirracista; pode-se observar que os referidos saraus foram momentos educativos de divulgação e reflexão acerca culturas indígenas, contribuindo para a denúncia de vários tipos de discriminação.

Palavras-chave: Protagonismo indígena. Representatividade. Sarau de Preto.

INTRODUÇÃO

O presente relato emerge da organização, execução e reflexões das atividades realizadas no projeto de extensão Sarau de Preto, que tem como um dos preceitos contribuir para uma maior divulgação de culturas que foram historicamente excluídas dos espaços sociais, como os espaços de formação acadêmica. A fim de tornar mais compreensível tal ação extensionista realizamos uma breve contextualização de sua criação.

O "Sarau de Preto" é um projeto de extensão que consiste na promoção de eventos artístico-culturais pelo IF Baiano - *campus* Uruçuca junto à comunidade externa, com periodicidade trimestral, com o intuito de estimular produções artísticas e culturais dos estudantes e demais membros da comunidade externa continuamente. Desde 2018, o "Entre-Alas", espaço localizado entre os alojamentos do IF Baiano – *campus* Uruçuca, é o palco para os eventos referentes ao projeto. O local se transforma a cada Sarau em uma espécie de quilombo, onde o encontro e o compartilhamento de experiências ocorrem mediados pelas linguagens artísticas e pelas questões pertinentes ao contexto histórico, social e cultural dos

[1] Doutor em História (UFMG), Docente efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – campus Uruçuca.. E-mail: calhis2@yahoo.com.br
[2] Doutorando em Difusão do Conhecimento (UFBA, Docente efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – campus Santo Antônio de Jesus. E-mail: gesuspedagogo@gmail.com
[3] Doutoranda em Artes Visuais (PPGAV-UFBA), Professora Assistente da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia – campus Salvador. E-mail: luisa.magaly@ufba.br

povos afro-brasileiros e indígenas. São encontros artísticos-culturais e de celebração das culturas, fruto do NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - *campus* Uruçuca.

O projeto possui o objetivo de valorizar as manifestações artísticas e culturais dos povos afro-brasileiros e indígenas, contribuindo para o exercício do autorreconhecimento da comunidade interna e externa enquanto corpo social pós-colonial em seus contextos artísticos, sociais, históricos e identitários, através de ações multiculturais, envolvendo as diversas áreas da produção e dos processos artísticos em eventos integrados, ressaltando a memória, produção e difusão cultural e artística dos povos historicamente "desumanizados" pela prática colonial. Ao longo dos anos, contamos com a parceria de docentes dos componentes curriculares de História, Administração, Artes, Sociologia, Matemática, Biologia, Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras; técnicos em Assuntos Educacionais, pedagogo; discentes matriculados e egressos do campus Uruçuca, bem como com a presença de colaboradores externos dos movimentos artísticos e sociais da Região da Costa do Cacau e da Capital baiana.

Para esse relato de experiência, selecionamos três momentos da trajetória do Sarau de Preto nos quais a cultura e a história indígenas tiveram destaque. As narrativas sobre nosso passado, segundo Almeida (2010, p. 13), "até um momento bastante avançado do século XX, reservavam aos indígenas papéis secundários na História do Brasil, "agindo sempre em função dos interesses alheios". Em contraposição àquelas narrativas, o Sarau de Preto procurou apresentar, através das diversas linguagens, o protagonismo indígena no processo da formação da nação brasileira.

A organização do Sarau convidou indígenas de diferentes etnias para, ao lado de discentes e docentes participantes dos eventos, apresentarem discussões acerca do olhar dos povos originários sobre a história, os seus saberes e sua atuação no mundo contemporâneo, especialmente no sul do estado da Bahia.

METODOLOGIA

Como esse trabalho é um relato de experiência, buscamos investigar nos arquivos audiovisuais e escritos do Projeto Sarau de Preto aqueles eventos que apresentavam o protagonismo indígena como mais evidente. Desse modo, chegamos a um sarau de 2019 e a dois de 2020. Para tais, procuramos detalhar a sua concepção, objetivos e apresentações principais relacionadas à temática indígena a fim de termos um panorama que nos possibilitasse analisar os temas desenvolvidos e seus significados.

DISCUSSÕES

A partir da análise da Lei 11.645 de 2008 e dos estudos realizados em reuniões do NEABI, o projeto Sarau de Preto começou a ser pensado e articulado para criar diálogos extramuros. A Lei 11.645, de 10 de março de 2008, que modifica o texto da Lei de Diretrizes e Bases Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação, inserindo a obrigatoriedade dos estudos afro-brasileiros e indígenas no Ensino Fundamental e Médio:

> § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos
> indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil".
> § 2º "Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar,

> em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (BRASIL, 2008).

O texto tem servido como base de atuação e estudos realizados pelo NEABI, levando seus integrantes a inserirem em sala de aula conteúdos que abordam uma história contextualizada a partir de outros pontos de vista, antes ocultados pelo lugar de subalternidade em que fomos colocados, enquanto povos explorados durante o período de (re)formação do Brasil. Essa produção de conhecimento, que depende de uma relação dialética entre docentes e discentes, ultrapassa o conceito tradicional de sala de aula e rompe os limites impostos por uma educação tradicionalista e engessada. Reconhecemos, a partir de epistemologias geradas por meio das ancestralidades dos povos africanos e originários do Brasil, a importância de aproximarmos comunidades e Instituições de Ensino.

A partir disso, pudemos rever propostas pedagógicas ainda marcadas pelos ranços coloniais eurocêntricos. O "Sarau de Preto", traz consigo uma dessas propostas distanciadas do que compreendemos enquanto sala de aula tradicional. Em nosso quilombo entre-alas, nós, *campus* Uruçuca, celebramos junto com a comunidade externa a diversidade de existências, as múltiplas faces da cultura e da sociedade esquecidas nas valas da impunidade e da injustiça social.

Para a elaboração de cada Sarau de Preto, nos debruçamos sobre pesquisas históricas, sociológicas e artísticas, que possam fundamentar ou traduzir expressivamente os outros centros criados pelos povos até então marginalizados. Dessa elaboração e confluências de ideias são retirados temas, elementos visuais, sons, movimentos, textos, em que os estudantes podem ter acesso a partir das reuniões e ensaios para apresentações.

Desse modo, buscamos nos saberes ancestrais de matrizes africanas e indígenas, bem como nas resistências e formas de lutas dos movimentos negro e indígena, temas e fundamentos para a organização dos saraus. Tanto Gersen Luciano (2006) quanto Nilma Lino Gomes (2017) são enfáticos quanto ao conhecimento desses saberes e dessas lutas para o fortalecimento da identidade dos jovens negros e indígenas e para a promoção de uma educação antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos que o Sarau de Preto se constitui como um projeto popular e democrático que contribui para trazer à relevo expressões de culturas afro-brasileiras e indígenas em exercícios constantes de reconhecimento, valorização e retomada dessas culturas e suas especificidades como parte indispensável da existência do que se tornou a população brasileira. Um projeto, portanto, de grande relevância, uma vez que historicamente essas comunidades foram inviabilizadas de forma dissimulada ou não dos direitos humanos fundamentais e que sofrem até o contexto atual as consequências trágicas de séculos de discriminação e racismo.

Ressaltamos que os fatores que mais contribuem para a propagação preconceituosa de tais culturas estão fundamentados em uma visão eurocentrada que reforça questões negativas sobre esses povos, bem como generaliza suas existências, dando-lhe rótulos, estereótipos físicos e psíquicos, denominando-os de modo raso e violento como "índios", bem como provocando apagamentos e aumentando as distâncias narrativas para quem busca retomar suas origens ancestrais.

Diante disso, depreendemos que é necessário problematizar, ressoar, resistir a toda forma de opressão. O Sarau de Preto, nesse ínterim, não só contribui na divulgação das culturas, mas também contribui na crítica e denúncia a todo tipo de discriminação, além de proporcionar o direto a igualdade de expressão e condições de existência através das Artes.

Referências:

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010 (Coleção FGV de bolso).

BALDAIA, Fabio Peixoto Bastos; MOURA, Milton Araújo. A festa, o drama e a trama: cultura e poder nas comemorações da Independência. *In*: MODESTO, Maria Aparecida da; PEIXINHO, Manuela Cunha; LIMA NETO, José Lamartine Andrade (orgs.). *Construção e difusão do conhecimento:* conectando saberes. Salvador: EDIFBA, 2019, p. 19-28.

BRASIL. *Lei 10.645*, de 10 de março de 2008. Brasília: DOU, 11 mar. 2008.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. *O povo e a guerra*: participação das camadas populares nas lutas pela Independência do Brasil na Bahia. Orientadora: Lina Maria Brandão de Aras.2004. 140 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

LUCIANO, Gersen dos Santos. *O Índio brasileiro*: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/Secad, 2006.